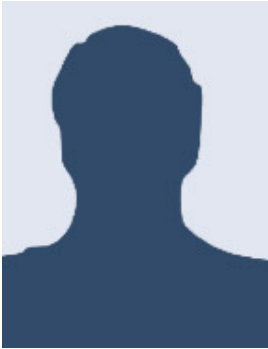


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**FERRÃO, Carlos** (Lisboa, 1898 - Lisboa, 1979)

De famílias modestas, com formação de professor do ensino primário, tendo mesmo leccionado na Casa Pia, no entanto fez do jornalismo a sua profissão. Não tendo a sua formação escolar sido muito extensa, completou essa aprendizagem com leituras da melhor qualidade que aqui e ali indica. Dotado de uma utilidade intelectual notável, dominava os segredos de uma escrita corredia que se torna atraente. Como jornalista tinha acesso aos despachos internacionais das agências que chegavam às redacções dos jornais sem passagem pela censura, informações de que soube aproveitar. Beneficiou do convívio com jornalistas e escritores de rara qualidade como Joaquim Manso, Norberto Lopes, Mário Neves, José Ribeiro dos Santos ou Raul Rêgo. Foi um notável comentador da vida internacional. A sua actividade profissional cedo se confunde com a vocação de historiador. Dedicado à política internacional cujas crónicas publicou em vários periódicos, em especial no *Diário de Lisboa* (no qual trabalhou durante 42 anos), em 1941, e com chancela da Livraria Sá da Costa de Lisboa, fez sair um utilíssimo *ABC da política mundial* em que organiza alfabeticamente breves referências geográficas, históricas, instituições e nomes de relevantes políticos. Assim fornecia elementos rudimentares para os muitos leitores interessados em seguir os relatos e comentários da política internacional durante o conflito mundial a que se dedica. “Os nomes, nem sempre fáceis de reter, começam a pesar na memória dos leitores.” (*ABC*, n / n) Foi também a Guerra que o levou a publicar um conjunto de livros em que reuniu crónicas suas. Livros de jornalista, assentes na actualidade que procura compreender e explicar, com uma não escondida simpatia para com a Inglaterra e os Estados Unidos que depois do ataque alemão de 1941 estende à Rússia soviética.

Essas obras que publica durante a guerra, entre 1940 e 1946, são excelentes, não apenas como explicação do desenrolar do conflito, com atenção especial à Europa, pois vão muito além do relato do que se está passando para mostrar ao leitor as possíveis razões e consequências das ocorrências da actualidade. À curiosidade e angústia dos leitores que acompanhavam os acontecimentos do grande cataclismo vai procurar fornecer elementos para reflexão. Inicia a série um livro muito documentado, *Assim estalou a guerra. Organizado sobre os documentos diplomáticos revelados pelo “Livro Branco” alemão, “Livro Azul” inglês e “Livro amarelo” francês*. O que desde logo nos envia para a estreita dependência desta escrita com os documentos e sua conformidade com o que estava devidamente confirmado. CF tem uma constante preocupação explicativa – sobretudo pela comparação com o conflito de 1914-1918 – que enriquece a obra. Honroso livro de estreia. *Seis meses de guerra*, do mesmo ano, regista depois as



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

crónicas que foi publicando no *Diário de Lisboa* entre 8 de Setembro de 1939 e 26 de Março de 1940. Livro sereno, antes de começada a ocupação da França e a batalha de Inglaterra, com especial atenção aos países martirizados pelas invasões das grandes potências: o Reich alemão (Áustria, Checoslováquia e Polónia) e a União Soviética (Finlândia e Polónia). Também antes da ocupação da França e da formação do governo de união sagrada na Inglaterra, escreveu uma pequena biografia de Winston Churchill, então ainda e apenas Primeiro Lord do Almirantado. Texto encomiástico, que exaltava as qualidades do que haveria de ser o grande leader democrático contra o nazismo e que CF já considerava “o maior [inglês] do seu tempo.” (Churchill, p. 6).

*Os americanos no Norte de África e A Itália capitulou?* proporcionaram mais dois livros juntando crónicas de política internacional sobre esses acontecimentos, assim como *A conferência de Moscovo*, de fins de Outubro de 1943, que assinala a viragem na Guerra pela convergência das Nações Unidas com a União Soviética. Aí se congratula pela verdadeira coligação conseguida, sem contudo esconder as dificuldades que a posição soviética sobre a Polónia já permitiam antever. São assuntos de actualidade, que lhe mereceram a atenção, entendendo divulgar o que sabia para além das páginas dos jornais. Deu ainda especial atenção à derrota alemã – *Como a Alemanha perdeu a guerra*. Mesmo depois de terminado o conflito o atento cronista escreveu sobre o rescaldo do conflito *O drama de Nuremberg*. Trata-se de uma obra que procura mostrar e justificar a necessidade de levar perante a justiça internacional os que a pretexto da guerra praticaram ou promoveram actos puníveis como crimes comuns. Os políticos tinham que ser confrontados com a sua responsabilidade nos horrores que se sucederam na Alemanha e depois na Europa ocupada. Foi isso decidido logo na conferência de Moscovo em 1 de Novembro de 1943. E depois de 20 de Novembro de 1945 devidamente concretizado.

A memória dos acontecimentos da Guerra de 1914-1918 é decisiva e destacado o papel dos homens políticos. A França da ocupação será objecto de atenção do jornalista, que consegue explicar com precisão as políticas de colaboração de Vichy com a Alemanha, embora discriminando os períodos em que Laval, Flandin ou Darlan foram os responsáveis pela governação francesa. Porque, para CF, a “questão das pessoas desempenhou um papel fundamental durante esse período de angústias e de indecisões.” (*Os Americanos...*, p. 40). E por isso talvez uma certa complacência para com algumas figuras cujas trajectórias se apresentam como controversas. Assim os casos de Weygand ou de Giraud, e mesmo o relevo (escasso) que lhe merece inicialmente o general De Gaulle – embora mais tarde venha a reconhecê-lo como herói da II Guerra (*O Integralismo*, I, p. 180). De início é apresentado apenas como homem dos Ingleses, por oposição a Giraud, homem dos Americanos. Generais cujas divergências não são explicitadas. Exercício notável – e então ainda com escassos elementos para fundamentarem a tentativa de explicação de comportamentos ambíguos e de decisões inexplicáveis. (*Os Americanos*, p. 108) O desembarque aliado no Norte de África foi a operação que marcou o início da contra-ofensiva, e desencadeou a ocupação total da França, o afundamento da esquadra francesa em Toulon e a subordinação absoluta do regime de Vichy à Alemanha.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

CF também se dedicou a traduzir obras que entendia poderem ajudar a esclarecer o rápido passar dos acontecimentos, como *Pearl Harbour: relato duma testemunha ocular* de Blake Klark, *Preliminares da guerra a leste* de Grigore Gafencu, *Eu paguei a Hitler* de Fritz Thyssen (todos em 1944) ou *Condições de paz* de E. H. Carr (em 1945). Especial admiração votou a Winston S. Churchill que além do pequeno opúsculo de 1940, o levou depois a traduzir três volumes de *As minhas memórias* (1941-1942-1943). Ainda nos anos 40 coordenou uma *História da Guerra 1939-1945* (1296 pp.), reunindo colaboradores vários, elaborando uma sugestiva síntese dessa hecatombe que lucidamente procurara apreciar e comentar no seu percurso. Trabalho de jornalista de algum modo pioneiro como historiador dos nossos dias, que então não eram muitos em Portugal a tal dedicados. Quase todos os poucos historiadores que havia dedicavam-se de preferência à Idade Média – por razões ideológicas e por prudência, não fosse alguma coisa no período moderno e contemporâneo ofender os senhores do poder político. CF ao trabalhar com matérias de tão grande riqueza compreende que na evolução dos acontecimentos “intervieram factores políticos e factores psicológicos, causas próximas e causas distantes, elementos evidentes e elementos desconhecidos” (*Assim estalou*, p. 158). Estava achado o caminho do historiador, o primeiro português que poderá ser dito historiador das relações internacionais. Porque CF não se limita à narrativa dos acontecimentos de um período tão rico. Quer compreendê-los e explicá-los. Assim um notável capítulo de *Os Americanos no Norte de África*, em que procura entender a relação muitas vezes divergente entre os Estados Unidos e a Europa. Com razões que vêm de longe. Por isso, o “americano falava de negócios, o francês de segurança, o inglês de desinteresse, o italiano de pátria, o alemão de reivindicações, o russo de socialismo.” (*Os Americanos*, p. 8)

Nos anos 50 CF – e para além da sua actividade como jornalista na *Vida Mundial*, que dirigiu episodicamente, e com colaboração também em *A Capital* e *O Século* e outros periódicos – fará publicar na editorial O Século uma *História Secreta da Guerra*, que atingirá 12 volumes. Sem, todavia se indicar o autor ou responsável pela edição – por razões desconhecidas. E o mesmo aconteceu com *50 anos da história do mundo: 1900-1950*, de 1952. Nesses anos dar-se-á uma viragem nos seus interesses passando a dedicar-se à história da I República, para que usará os livros, folhetos e jornais que abrangiam, praticamente, tudo o que sobre o assunto se publicara. Desse trabalho resultou uma volumosa *História da República* editada por O Século em 1960, comemorando o cinquentenário da proclamação da República. Trabalho que não assinou (mas cuja autoria assumiu), e que revela muita informação, apresentando copiosa ilustração, infelizmente em reproduções gráficas de pouca qualidade (talvez que então não houvesse meios de melhor as imprimir). Trata-se de uma narrativa muito bem articulada, factológica, ficando a meio caminho entre o relato cronístico e a explicação histórica. Republicano, dedicar-se-á em seguida a desfazer o que entendia serem mentiras e calúnias sobre o regime, não hesitando em polemizar com monárquicos que lhe saíam à estacada. Muito em especial, investiu contra a tradição reaccionária acantonada em restos do Integralismo Lusitano, que procurou combater. Trabalho que segue na rota iniciada por Raul Proença nos anos 20, nos inícios da publicação da *Seara Nova*. Partindo da origem e inspiração da Action Française de Charles Maurras, critica a pretensa relação com a monarquia tradicional (absolutista) portuguesa. Como que procedendo à autópsia de um mito (que já estaria morto) vai precisamente procurar mostrar de um modo



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

militante de republicano a “mediocridade intelectual e inanidade política” desse agrupamento (*O Integralismo*, vol. I, p. 48). A começar pelas suas origens belgas em 1913 (*Alma portuguesa*) e depois a publicação coimbrã (*Nação portuguesa*), pelos cadernos de Mariotte, passando pelas dissertações de António Sardinha e Hipólito Raposo à Faculdade de Letras de Lisboa (1915), e sobretudo vincando a inspiração que os integralistas buscaram na Action Française de Charles Maurras, mostrando ser uma cópia quase textual do modelo francês. Mesmo Joana d’Arc terá sido vertida por Nun’Álvares. “Sem a Action Française não haveria Integralismo Lusitano, sem Maurras não haveria Sardinha.” (*O Integralismo*, I, p. 114) Expõe o movimento como “tradução integral do receituário francês.” (*Ibid.*, p. 116) Para passar aos conflitos internos aos monárquicos, rompendo este grupo absolutista e anti-parlamentarista com o lugar-tenente de D. Manuel II e depois com o próprio rei – que se mantinha fiel à Carta Constitucional do liberalismo que jurara. Com apoio nas críticas que nos anos 20/30 o Integralismo merecera a António Sérgio e a Raul Proença. E vincando os aspectos racistas e violentos (“terrorismo branco”) das propostas de acção desse agrupamento que queria instalar em Portugal um regime de nacionalismo integral e monárquico, antes de mais. De doutrinário o grupo passa à acção, criando a Junta Central do Integralismo Lusitano, embrião de um partido político (que sempre negará ser por combater os partidos) que se lança em agitação permanente. Para o que editam o jornal *A Monarquia*, em 1917, de uma rara violência verbal. Para depois os homens do Integralismo se empenharem com Sidónio Paes e serem parte essencial da Monarquia do Norte, a Traulitânia e em Monsanto. Porque durante o dezembrismo tinham ocupado lugares fulcrais na administração e no exército. E demonstrando a germanofilia e a traição de integralistas durante a Guerra de 1914-1918. Um volume, o 3º, é dedicado à acção dos integralistas no seio da causa monárquica e à desagregação desse partido que daí resultou, fruto de “eternas discussões pessoais e vendetas odientas.” (*O Integralismo*, III, p. 29). Principalmente relatando o corte e o afastamento com o pretendente exilado D. Manuel II. Juntando-se os integralistas aos miguelistas, escolhendo como pretendente ao trono D. Duarte Nuno. “As rivalidades e os ódios entre monárquicos assumiram, então, proporções inauditas.” (*O Integralismo*, III, p. 141). Sem CF hesitar em mostrar contradições e absurdos das posições de alguns doutrinários monárquicos como António Sardinha, Fernando de Sousa (Nemo), Hipólito Raposo ou Alfredo Pimenta. Sem excluir Paiva Couceiro, que diz ter sido “pela sua acção atrabiliária, um dos mais perniciosos agentes de desordem nacional e de agitação (...)” (*O Integralismo*, III, p. 252). Este procurará aliar a doutrina integralista com os partidários de D. Manuel II, o que ainda acentuará as cisões no interior dos realistas. Roturas que os pactos de Dover (1912) e de Paris (1922) não conseguiram colmatar. Para CF, todavia foi a doutrina e a acção integralista que pela divisão que introduziu nas fileiras dos seus partidários que tornou inviável a restauração da monarquia.

Documentados do mesmo modo minucioso são os outros livros sobre a República, que além do mais sempre se revelam polémicos. Atacando directamente – e frontalmente – posições monárquicas que persistiam sobretudo entre os apoiantes do salazarismo – que tinham tribuna no jornal católico *Novidades*. Desmontar inverdades e mentiras como o que escreviam sobre o regicídio, os adiantamentos à Casa Real, a diplomacia de D. Carlos, as reformas na instrução, a defesa do ultramar e muitos outros aspectos foram

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tarefas a que CF se não furtou. Obra de republicano militante, sem dúvida, sem procurar uma neutralidade que nele seria hipócrita: porém exposição séria e muito bem documentada. E ainda não refutada com apoio de testemunhos incontroversos – embora naturalmente desagrade aos que têm posições ideológicas antagónicas mais ou menos disfarçadas.

Mesmo no fim de uma actividade operosa, escreveu uma pequena *História da República* que a editora Terra Livre fez sair em 1976, a que se seguiu uma edição e anotação muito informada das *Memórias* de José Relvas. Ainda se lhe ficou a dever uma reunião meritória dos *Relatórios sobre a Revolução de 5 de Outubro* que a Câmara Municipal de Lisboa publicou em 1978 – que mereceu ser revista e aumentada nas comemorações do Centenário em 2010. Ao longo da sua vida reuniu uma formidável biblioteca de 26 000 volumes sobre história contemporânea, em especial sobre a I República, que em 1976 vendeu por quantia simbólica ao Estado. Esse precioso conjunto encontra-se no Museu da República e da Resistência, em Lisboa, como Biblioteca Dulce Ferrão.

**Bibliografia activa:** *Assim estalou a guerra*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1940 [2ª ed., 1942]; *Seis meses de guerra*, Lisboa, Livraria Portugália, 1940; *Churchill*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1940; *ABC da política mundial*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1941; *Os americanos no Norte de África*, Lisboa, O Século, 1943; *A Itália capitulou?*, Lisboa, O Século, 1944; *A conferência de Moscovo: seus antecedentes e suas consequências*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1944; *Como a Alemanha perdeu a guerra*, Lisboa, O Século, 1945; *O drama de Nuremberg*, Lisboa, O Século, 1946; *História da Guerra 1939-1945*, organização de Carlos Ferrão, Lisboa, Editorial O Século, [194?]; *História secreta da guerra*. Lisboa, O Século, 12 vols. [1949-1955?]; *50 anos da história do mundo: 1900-1950*, Lisboa, O Século, 1952; *História da República*, Lisboa, O Século, 1960; *Em defesa da verdade. O regicídio, os adiantamentos, a diplomacia de D. Carlos*, Lisboa, O Século, 1961; *Em defesa da República*, Lisboa, Inquérito, [1963]; *O integralismo e a República*, 1º e 2º vols., Lisboa, Inquérito, [1964]; 3º vol. Lisboa, O Século, [1965]; *A obra da República*, Lisboa, O Século, [1966]; *Desfazendo mentiras e calúnias*, Lisboa, O Século, [1967]; *História da República*. Lisboa, Terra Livre, 1976; *Memórias políticas de José Relvas*, pref. João Medina, ed. Carlos Ferrão, Lisboa, Terra Livre, 1977; *Relatórios sobre a Revolução de 5 de Outubro*, pref. e notas, Lisboa, Câmara Municipal, 1978 [2ª ed. 2010].

Joaquim Romero de Magalhães



APOIOS:

